

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0171/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 27/06/2025

Presidente venezuelano envia mensagem ao Rei Salman



Dr. Abdulrahman bin Ibrahim Al-Rassi, subsecretário de assuntos internacionais multilaterais do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, e David Velasquez Caraballo, embaixador venezuelano, em Riade.

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, escreveu ao Rei Salman sobre a relação entre Riade e Caracas e maneiras pelas quais ela poderia ser fortalecida.

A comunicação escrita foi entregue ontem ao Dr. Abdulrahman bin Ibrahim Al-Rassi, subsecretário de assuntos internacionais multilaterais do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, por David Velasquez Caraballo, embaixador venezuelano em Riade. Al-Rassi também é supervisor-geral da Agência de Diplomacia Pública do Ministério das Relações Exteriores.

Durante a reunião, ele e Caraballo discutiram maneiras de melhorar as relações bilaterais entre o Reino da Arábia Saudita e a Venezuela, bem como outros tópicos de interesse mútuo. **Fonte-Arab News**.

Ministro das Relações Exteriores saudita discute estabilidade da Síria com enviado dos EUA



O Príncipe Faisal bin Farhan, ministro saudita das Relações Exteriores e Tom Barrack, enviado dos EUA à Síria.

O Príncipe Faisal bin Farhan, ministro saudita das Relações Exteriores, recebeu em Riade, Tom Barrack, enviado dos EUA à Síria. Ontem, durante a reunião, as autoridades discutiram maneiras de apoiar a República Árabe Síria no aumento de sua segurança, estabilidade e recuperação econômica. **Fonte-Arab News**.

Reino da Arábia Saudita fornece US$ 30 milhões em apoio à Autoridade Palestina



O ministro palestino das Finanças, Omar Al-Bitar, e o encarregado de negócios interino da embaixada saudita na Jordânia, Mohammed Mounis.

O Reino da Arábia Saudita entregou 30 milhões de dólares à Autoridade Palestina para ajudar a aliviar a grave crise financeira que enfrenta, que é atribuída às políticas israelenses destinadas a enfraquecê-la. A assistência foi apresentada ontem em Amã ao ministro das Finanças palestino, Omar Al-Bitar, por Mohammed Mounis, encarregado de negócios interino da Embaixada da Arábia Saudita na Jordânia. Al-Bitar elogiou o Reino pelo apoio financeiro e político

contínuo que fornece aos palestinos e seus direitos à independência e ao Estado. Ele agradeceu ao Rei Salman e ao Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman por sua liderança e reconheceu o apoio político, econômico e humanitário que eles fornecem ao seu país. O ministro acrescentou que o dinheiro dado pelo Reino da Arábia Saudita é uma contribuição significativa que está ajudando a Autoridade Palestina a lidar com uma crise financeira que é exacerbada pelas políticas de um governo israelense de extrema-direita. O apoio financeiro tem sido fundamental para os esforços da Autoridade Palestina para manter os sectores de saúde e educação. Ajuda a cobrir os custos de funcionamento de hospitais, compra de medicamentos e equipamentos médicos, manutenção de escolas abertas e pagamento dos salários de equipes médicas, professores e funcionários administrativos. Ao longo dos anos, o apoio fornecido pelo Reino ao povo palestino ultrapassou US$ 5,3 bilhões para um total de 289 projectos, de acordo com dados da agência de ajuda saudita KSrelief.

Mounis disse que seu país continua comprometido em apoiar o governo palestino, para ajudá-lo a cumprir suas obrigações financeiras e ajudar seu povo durante este período de dificuldades econômicas e humanitárias. Ele reafirmou o firme apoio do Reino à defesa dos direitos do povo palestino. **Fonte-Reuters**.

Embaixador do Djibuti elogia laços profundos entre Estado africano e o Reino da Arábia Saudita



O vice-governador da região de Riade, Príncipe Mohammed bin Abdulrahman bin Abdulaziz, e o embaixador do Djibuti, Dya-Eddine, na recepção do Dia Nacional do Djibuti.

A Embaixada do Djibuti em Riade celebrou o seu dia nacional na noite da passada quarta-feira, oferecendo uma recepção condizente para marcar a ocasião. Por ocasião do 48º aniversário da Independência Nacional do Djibuti, Dya-Eddine Said Bamakhrama, embaixador da República do Djibuti no Reino da Arábia Saudita e decano do Corpo Diplomático, ofereceu uma recepção oficial no Palácio Cultural do Bairro Diplomático. O evento contou com a presença do Príncipe Mohammed bin Abdulrahman bin Abdulaziz, vice-governador da região

de Riade, como convidado de honra e patrono, e do Príncipe Sultan bin Salman, fundador e presidente do Saudi Aviation Club.

A recepção também contou com a presença de vários Príncipes, embaixadores, líderes empresariais ilustres, profissionais da imprensa, artistas e membros da comunidade saudita e do Djibuti. Dirigindo-se à cerimônia, o embaixador destacou as realizações notáveis do Djibouti nas últimas cinco décadas, particularmente em termos de segurança, estabilidade e desenvolvimento sustentável. Ele também enfatizou as profundas e sinceras relações fraternas que unem as lideranças e os povos das duas nações. Além disso, o embaixador reafirmou a posição firme e inabalável do Djibouti em apoio à causa palestina, defendendo a restauração dos direitos legítimos do povo palestino, incluindo o estabelecimento de um Estado independente com Jerusalém Oriental como sua capital.

O Reino da Arábia Saudita também apoia fortemente a solução de dois Estados como caminho para resolver o conflito israelense-palestino. A Palestina é oficialmente reconhecida por 147 dos 193 estados membros da ONU e tem status de observador na ONU. O embaixador também reiterou o compromisso do Djibouti com uma diplomacia calma, construtiva e baseada em princípios, trabalhando activamente para promover a paz na região e em todo o mundo, rejeitando guerras e defendendo o diálogo, a coexistência pacífica e o desenvolvimento sustentável. **Fonte-Arab News**.

Ministério da Saúde saudita lança campanha nacional para combater a obesidade



A campanha 'Uma Nação Sem Obesidade', organizada pelo Ministério da Saúde, foi lançada ontem, 26 de junho, em Riade. Um grupo de especialistas e interessados participou no lançamento.

O Ministério da Saúde saudita lançou ontem em Riade a sua campanha "Uma Nação Sem Obesidade", uma iniciativa destinada a aumentar a conscientização e

combater a obesidade em todo o Reino. Em sua fase inicial, a campanha visa atingir 1 milhão de beneficiários, reunindo diversas entidades governamentais, privadas e sem fins lucrativos. "Uma Nação Sem Obesidade" foi lançada em resposta a vários apelos de membros do Conselho Shura e se alinha com os esforços de transformação da saúde do Reino, que registraram um progresso notável em direcção às metas estabelecidas na Visão 2030 do Reino da Arábia Saudita.

Mustafa Abdul Rahman, gerente geral da Lilly no Reino da Arábia Saudita, enfatizou que a obesidade não é uma escolha pessoal ou uma questão de estilo de vida, mas uma doença crônica que exige um gerenciamento de longo prazo baseado em ciência, inovação, tratamento e prevenção.

Ele destacou a necessidade urgente de mudar as percepções da sociedade e eliminar o estigma em torno da obesidade, que muitas vezes desencoraja os indivíduos a procurar a ajuda e o tratamento de que precisam. "A empresa apoia a campanha 'Uma Nação Sem Obesidade', que visa aumentar a conscientização, remover barreiras psicológicas e sociais e capacitar os indivíduos a acessar o apoio e o tratamento de que precisam", acrescentou Abdul Rahman. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita terá aumento nas entradas de milionários em 2025



Indivíduos de alto patrimônio líquido estão se mudando para o Reino devido à sua ambiciosa agenda Visão Saudita 2030, reformas pró-negócios e crescentes oportunidades de investimentos.

O Reino da Arábia Saudita deve atrair 2.400 indivíduos de alto patrimônio líquido em 2025, marcando um aumento acentuado em relação aos 300 milionários que se estima terem se mudado para o Reino em 2024. Esse aumento de oito vezes posiciona o Reino da Arábia Saudita como o escalador mais rápido no Relatório de Migração de Riqueza Privada Henley 2025, publicado pela Henley & Partners em colaboração com a New World Wealth.

Em todo o Golfo, os Emirados Árabes Unidos continuam a liderar globalmente, com previsão de atrair 9.800 milionários este ano, a maior entrada líquida em todo o mundo, seguida pelos EUA com 7.500.

Os HNWIs estão se mudando para o Reino devido à sua ambiciosa agenda Visão 2030, reformas pró-negócios e crescentes oportunidades de investimentos. O aumento da riqueza de entrada reflecte o crescente apelo da região tanto para os cidadãos que retornam quanto para os investidores internacionais, particularmente em Riade e Jeddah. O Reino da Arábia Saudita também introduziu programas de residência atraentes, incentivos fiscais e um esforço para diversificar a economia além do petróleo. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita implanta drones para monitorar costas e proteger recursos marinhos



Os drones fornecerão imagens ao vivo para análise em tempo real, ajudando a detectar actividades que ameaçam os recursos marinhos.

O Centro Nacional de Conformidade Ambiental do Reino da Arábia Saudita lançou um programa baseado em drones para monitorar as áreas costeiras de 2.480 kms de extensão do Reino. Os drones fornecerão imagens de vídeo ao vivo para análise em tempo real e ajudar a detectar actividades que ameaçam os recursos marinhos. A costa do Mar Vermelho do Reino da Arábia Saudita, a oeste, se estende do Golfo de Aqaba, no norte, até a província de Jazan, no sul, medindo 1.830 kms. A oeste, o litoral é de 630 km, estendendo-se desde a fronteira norte com o Kuwait até a fronteira sul com o Qatar.

Amer Bamoneef, director-geral de monitoramento de rede do NCEC, disse que cada drone operará por até 55 minutos, cobrindo 20 km, com dados transmitidos instantaneamente para as salas de controle. "Ao alavancar a tecnologia avançada, podemos expandir a cobertura e detectar práticas prejudiciais com mais eficiência", disse ele. **Fonte-Arab News**.

Substituição do kiswa da Caaba Sagrada concluída



A cerimônia de mudança de kiswa na Grande Mesquita de Meca aconteceu ontem.

A Grande Mesquita de Meca enfrentou o amanhecer do primeiro dia do primeiro mês do calendário islâmico, Muharram, com a cerimônia de mudança de kiswa pela Autoridade Geral para o Cuidado das Duas Mesquitas Sagradas, representada pelo Complexo Rei Abdulaziz para a Caaba Sagrada Kiswa.

Este evento anual incorpora o compromisso do Reino de servir as Duas Mesquitas Sagradas - não apenas em aspectos organizacionais e administrativos, mas também em um nível simbólico e sagrado, dado o lugar central que a Caaba ocupa nos corações de mais de um bilhão e meio de muçulmanos em todo o mundo. Eles instalaram a cortina bordada com fios banhados a ouro, o hizam (cinto), o samadiah (elementos decorativos), peças em forma de lanterna e decorações ao redor do mizab (bico de água da chuva), os cantos e outros adornos, criando uma cena cativante infundida com sentimentos de reverência e súplica.

A ocasião também destaca o papel pioneiro da juventude saudita, que forma a espinha dorsal da produção, supervisão e execução dentro do complexo. As competências nacionais demonstram liderança na orientação de equipes de trabalho, supervisão de detalhes de design e soluções técnicas inovadoras que garantem os mais altos padrões de precisão - mesclando artesanato requintado com aspirações tecnológicas modernas.

O kiswa ultrapassa os 14 metros de altura e é adornado com versos do Alcorão bordados com fios de prata revestidos de ouro e prata pura, escritos na escrita Thuluth, formando uma obra-prima que exige engenharia precisa, cuidado e perícia artística para preservar sua identidade e qualidade ao longo do tempo. Este evento anual não é apenas uma ocasião repetida, mas uma extensão de um legado histórico estabelecido pelo Rei fundador Abdulaziz - e reforçado pelo Rei Salman e pelo Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman. Faz parte da visão nacional centrada em servir as Duas Mesquitas Sagradas e melhorar a qualidade dos serviços prestados aos peregrinos e outros visitantes. Todos os anos, a cerimônia de mudança do kiswa é uma cena memorável na memória colectiva das nações

islâmicas e um símbolo vivo de como o cuidado com os santuários sagrados evoluiu de uma responsabilidade para um papel de liderança. **Fonte-Arab News**.

OMS entrega sua primeira ajuda médica a Gaza desde 2 de março



A remessa de suprimentos, plasma e sangue da Organização Mundial da Saúde será distribuída entre os hospitais de Gaza.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) disse ontem que entregou sua primeira remessa médica em Gaza desde 2 de março, acrescentando que os nove caminhões foram "uma gota no oceano". O carregamento de suprimentos, plasma e sangue será distribuído entre hospitais no território palestino nos próximos dias, disse o chefe da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

Israel impôs um bloqueio total à Faixa de Gaza em 2 de março. Mais de dois meses depois, começou a permitir a entrada de alguns alimentos, mas nenhum outro item de ajuda até agora. Tedros disse que nove caminhões transportando suprimentos médicos essenciais, 2.000 unidades de sangue e 1.500 unidades de plasma foram entregues através da passagem de Kerem Shalom com Israel, "sem nenhum incidente de saque, apesar das condições de alto risco ao longo da rota". "Esses suprimentos serão distribuídos para hospitais prioritários nos próximos dias", disse Tedros.

"O sangue e o plasma foram entregues às instalações de armazenamento refrigerado do Complexo Médico Nasser para distribuição posterior a hospitais que enfrentam escassez crítica, em meio a um crescente fluxo de ferimentos, muitos ligados a incidentes em locais de distribuição de alimentos." Na semana passada, a OMS disse que apenas 17 dos 36 hospitais de Gaza estavam minimamente ou parcialmente funcionais, com o restante incapaz de funcionar. A Fundação Humanitária de Gaza, um novo sistema de distribuição de alimentos apoiado pelos EUA e Israel, começou a distribuir alimentos em Gaza em 26 de maio. Mas a ONU e os principais grupos de ajuda se recusaram a cooperar com o GHF - um esforço oficialmente privado com financiamento opaco - devido a

preocupações de que ele foi projectado para atender aos objectivos militares israelenses. **Fonte-Reuters**.

Líder supremo do Irão faz primeira declaração pública desde cessar-fogo declarado na guerra Israel-Irão



Esta captura de imagem tirada de imagens transmitidas pela agência de notícias IRIB do Irão em 26 de junho de 2025, mostra o líder supremo da República Islâmica, Aiatolá Ali Khamenei, dirigindo-se à nação.

O líder supremo do Irão, Aiatolá Ali Khamenei, reivindicou ontem vitória sobre Israel e disse que seu país "deu um tapa na cara dos Estados Unidos", em seus primeiros comentários públicos desde que um cessar-fogo foi declarado na guerra entre os dois países.

Khamenei falou em um vídeo transmitido pela televisão estatal iraniana, sua primeira aparição desde 19 de junho, parecendo e soando mais cansado do que há apenas uma semana. Ele disse aos telespectadores que os EUA só intervieram na guerra porque "sentiram que, se não interviessem, o regime sionista seria totalmente destruído". Mas ele disse, no entanto, que os EUA "não obtiveram ganhos com esta guerra". "A República Islâmica foi vitoriosa e, em retaliação, deu um tapa na cara dos Estados Unidos", disse ele, em aparente referência a um ataque com mísseis iranianos a uma base americana no Qatar na passada segunda-feira, que não causou vítimas.

Khamenei, de 86 anos, não é visto em público desde que se refugiou em um local secreto após a eclosão da guerra em 13 de junho, quando Israel atacou instalações nucleares iranianas e alvejou altos comandantes militares e cientistas. Após um ataque americano em 22 de junho que atingiu as instalações nucleares com bombas destruidoras de bunkers, o presidente dos EUA, Donald Trump, conseguiu ajudar a negociar um cessar-fogo que entrou em vigor na passada terça-feira. Em sua aparição, ontem, ele se sentou em frente a cortinas marrons simples para fazer seu discurso, semelhante à sua mensagem de 19 de junho, passado. **Fonte-Reuters**.

Tribunal israelense rejeita pedido de Netanyahu para adiar audiências no julgamento por corrupção



O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, solicitou vários adiamentos no julgamento desde que começou em maio de 2020.

Um tribunal israelense rejeitou hoje o pedido do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, para adiar o depoimento em seu julgamento por corrupção, depois que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que o caso deveria ser cancelado. O advogado de Netanyahu pediu ontem ao tribunal que dispensasse o líder das audiências nas próximas duas semanas, dizendo que ele precisava se concentrar em "questões de segurança" após a guerra de 12 dias de Israel com o Irão. O tribunal distrital de Jerusalém disse em um julgamento publicado online que "em sua forma actual (seu pedido) não fornece uma base ou justificativa detalhada para o cancelamento das audiências". Netanyahu solicitou vários adiamentos no julgamento desde que começou em maio de 2020, citando a guerra em Gaza que começou em 2023, depois os combates no Líbano e este mês o conflito com o Irão. **Fonte-Reuters**.

Chefe da oposição israelense pede a Trump que não 'interfira' no julgamento de Netanyahu

O líder da oposição de Israel criticou ontem o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, por dizer que o julgamento de corrupção de longa data do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu deveria ser cancelado, alertando-o contra a interferência em assuntos internos.

Trump descreveu na passada quarta-feira o caso contra Netanyahu como uma "caça às bruxas", ecoando a rejeição do primeiro-ministro israelense das acusações de corrupção que ele rejeitou categoricamente. Em uma mensagem em sua plataforma Truth Social, Trump disse que o julgamento de Netanyahu "deveria ser cancelado, imediatamente, ou um perdão dado a um grande herói", após o fim de uma guerra de 12 dias com o Irão. O líder da oposição israelense, Yair Lapid, disse em entrevista ao site de notícias Ynet: "Somos gratos ao

presidente Trump, mas ... o presidente não deve interferir em um julgamento judicial em um país independente."

Lapid, do partido de centro-direita Yesh Atid, apoiou uma declaração de um dos aliados da coalizão de Netanyahu, Simcha Rothman, do partido de extrema-direita Sionismo Religioso, que pediu que Trump ficasse de fora do processo judicial. "Não é papel do presidente dos Estados Unidos interferir nos procedimentos legais no Estado de Israel", disse Rothman, que preside o comitê de assuntos judiciais do parlamento israelense. Rothman, um crítico vocal do que ele argumenta ser um exagero judicial, no entanto, disse que "a gestão dos casos de Netanyahu está transformando a imagem do Estado de Israel de uma potência regional e global em uma república das bananas". O ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, líder de outro partido de extrema-direita na coalizão de Netnayhua, classificou o julgamento como politicamente motivado.

O ministro das Relações Exteriores, Gideon Saar, disse que era "distorcido, irracional, contrário ao senso básico de justiça" continuar o julgamento de Netanyahu na guerra, apoiando o pedido de Trump para retirar as acusações contra o líder israelense.

Netanyahu é o primeiro-ministro mais antigo de Israel. Durante seu mandato actual, desde o final de 2022, seu governo propôs uma série de reformas judiciais de longo alcance que, segundo os críticos, foram projectadas para enfraquecer os tribunais. No julgamento que foi adiado muitas vezes desde que começou em maio de 2020, Netanyahu negou qualquer irregularidade. Em um primeiro caso, Netanyahu e sua esposa, Sara, são acusados de aceitar mais de US $ 260.000 em bens de luxo, como charutos, joias e champanhe de bilionários em troca de favores políticos. Dois outros casos alegam que Netanyahu tentou negociar uma cobertura mais favorável em dois meios de comunicação israelenses.

Netanyahu solicitou vários adiamentos no processo, mais recentemente citando a guerra em curso em Gaza desde abril de 2023, mais tarde no Líbano e no início deste mês no Irão. **Fonte-Reuters**.

Conselho dos Guardiões do Irão aprova lei para encerrar cooperação com agência nuclear

O poderoso Conselho dos Guardiões do Irão aprovou ontem uma legislação que suspenderia a cooperação de Teerão com a agência nuclear da ONU, a Agência Internacional de Energia Atômica. A suspensão proposta, que agora será submetida ao presidente Masoud Pezeshkian para ratificação final, "garantiria o pleno respeito pela soberania nacional e integridade territorial da República Islâmica do Irão ... especialmente no que diz respeito ao enriquecimento de

urânio", disse o porta-voz Hadi Tahan Nazif. O órgão de fiscalização aprovou uma resolução há duas semanas acusando o Irão de não cumprir suas obrigações nucleares. Uma suspensão da cooperação com a agência negaria aos inspectores da ONU o acesso às operações de enriquecimento de urânio do Irão em Fordow, Isfan e Natanz, que foram atacadas em bombardeios dos EUA no domingo passado. Enquanto isso, a confusão continuou a cercar a localização do estoque do Irão de cerca de 400 kg de urânio altamente enriquecido. Imagens de satélite anteriores aos ataques de domingo passado mostraram uma longa fila de veículos do lado de fora da fábrica de Fordow. Alguns especialistas acreditam que o Irão usou o comboio para transportar o urânio e outros componentes nucleares e os está escondendo em outro lugar.

No entanto, ontem o presidente dos EUA, Donald Trump, e seu secretário de Defesa, Peter Hegseth, insistiram que o estoque em Fordow havia sido destruído. "Os carros e pequenos caminhões no local eram de trabalhadores de concreto tentando cobrir o topo dos poços. Nada foi retirado", disse Trump. Hegseth disse: "Não tenho conhecimento de nenhuma inteligência que revisei que diga que as coisas não estavam onde deveriam estar". **Fonte-Reuters**.

Influenciador do Instagram Motaz Azaiza traz a história de Gaza para os EUA



O fotógrafo palestino e estrela do Instagram Motaz Azaiza tira uma selfie entre a multidão em um evento de arrecadação de fundos para caridade na Primeira Igreja Unitária da Filadélfia, na Pensilvânia.

Em uma igreja na Filadélfia, Pensilvânia, centenas de pessoas se reuniram recentemente para um evento de arrecadação de fundos para caridade durante a semana, organizado por uma celebridade convidada.

O local não foi anunciado com antecedência devido a preocupações com a segurança, e o comparecimento custou pelo menos US $ 60 por pop - com alguns gastando US $ 1.000 para tirar uma foto com o anfitrião. No entanto, o evento não foi uma festa de gala organizada por uma estrela de cinema ou político famoso, mas por um fotojornalista: o nativo de Gaza Motaz Azaiza, cujas imagens do ataque israelense após o ataque de 7 de outubro de 2023 o lançaram

ao reconhecimento internacional. Vestindo uma camiseta preta, jeans, tênis e óculos com armação dourada, o jovem de 26 anos possui quase 17 milhões de seguidores no Instagram por suas imagens da guerra em Gaza. "Eu gostaria que vocês tivessem me conhecido sem o genocídio", disse Azaiza à multidão, com a voz vacilante. Antes da guerra, Azaiza era uma figura relativamente desconhecida, postando fotos de sua vida diária em Deir Al-Balah, no centro da Faixa de Gaza, para seus cerca de 25.000 seguidores no Instagram na época. Mas assim que os primeiros ataques de Israel atingiram Gaza, ele se tornou um fotógrafo de guerra em virtude das circunstâncias, e suas postagens de guerra logo se tornaram virais.

"Como fotojornalista, não posso assistir a isso como ninguém, sou de lá, esta é a minha casa", disse Azaiza. Depois de sobreviver a 108 dias de bombardeio israelense, Azaiza conseguiu escapar de Gaza via Egipto e, desde então, tornou-se uma espécie de embaixador do território palestino, compartilhando a história de seu povo enquanto o conflito continua.

"Toda vez que você sente que se arrepende de ter saído, mas depois perde um amigo, perde uma família, você diz, OK, eu salvei minha vida", disse Azaiza. Antes da guerra, Azaiza havia sido contratado para gerenciar o conteúdo online da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo, ou UNRWA, a agência humanitária acusada por Israel de fornecer cobertura para militantes. Este mês, ele está em turnê pelos EUA para arrecadar dinheiro para a UNRWA USA, uma organização sem fins lucrativos que colecta fundos para a agência. "Eu não consigo lidar com tanta fama ... é uma responsabilidade muito grande", disse Azaiza na arrecadação de fundos na Filadélfia.

"Este não sou eu ... Estou esperando o genocídio parar. Quero voltar para Gaza, continuar meu trabalho de captura de fotos", acrescentou. A certa altura, ele se misturou à multidão, posando para uma selfie antes de apertar a mão dos doadores. "Existe alguém que quer doar US $ 20.000? Eu gostaria de ter $ 20.000. Ninguém? Existe alguém que quer doar $ 10.000? Eu gostaria de ter US $ 10.000 ", grita o funcionário. Assim que a chamada baixou para US $ 5.000, cinco mãos se levantaram e ainda mais subiram quando solicitadas doações de US $ 2.000 e US $ 1.000. Um dos doadores, Nabeel Sarwar, disse que as fotografias de Azaiza "humanizam" as pessoas em Gaza. "Quando você vê uma foto, quando você vê uma criança, você se relaciona com essa criança, você se relaciona com a linguagem corporal, você se relaciona com a poeira em seu rosto, a fome, a tristeza em seu rosto", disse Sarwar. "Acho que são essas fotos que realmente trouxeram para casa a verdadeira tragédia do que está acontecendo em Gaza." Veronica Murgulescu, uma estudante de medicina de 25 anos da Filadélfia, concordou. "Acho que pessoas como Motaz e outros jornalistas de Gaza

realmente nos tocaram, porque você pode sentir a autenticidade", disse ela. "A grande imprensa que temos aqui nos EUA, pelo menos, e no Ocidente, carece de autenticidade", acrescentou. Sahar Khamis, professora de comunicação da Universidade de Maryland especializada em imprensa árabe e muçulmana no Médio Oriente, disse que jornalistas de Gaza como Azaiza, que se tornaram influenciadores de imprensa social, "remodelam a opinião pública, especialmente entre os jovens, não apenas no mundo árabe, não apenas no Médio Oriente, mas global e internacionalmente, inclusive nos EUA". "Os visuais são muito, muito importantes, muito poderosos e muito atraentes... Como sabemos no jornalismo, essa imagem equivale a mil palavras. "E no caso de guerra e conflito, pode equivaler a um milhão de palavras, porque você pode dizer por meio desses vídeos curtos, imagens curtas e fotos muitas coisas que você não pode dizer em um ensaio inteiro." **Fonte-Arab News.**

EUA estão em guerra com o Irão - e consigo mesmos



NADIM SHEHADI

26 de Junho de 2025



Quando a poeira baixar, o que importará é se o que os EUA alcançaram por meio da guerra pode ser preservado em tempos de paz.

Esqueça a guerra com o Irão por um momento. O conflito dentro dos EUA, com universidades, estudantes estrangeiros, imigrantes e a polarização entre intervencionistas e isolacionistas, pode ter muito mais impacto no futuro do país como potência mundial ou no império que se construiu no século 20. Neste conflito, os EUA estão em guerra consigo mesmos e têm muito a perder.

Quando a poeira baixar, o que importará é se o que os EUA alcançaram por meio da guerra pode ser preservado em tempos de paz. Vimos como isso falhou no Iraque e no Afeganistão, quando, após uma vitória militar e ocupação, os EUA não conseguiram criar um governo local que pudesse controlar o país como seu aliado. Para um império, o poder militar é importante para a expansão, mas os impérios consolidam seu controle por meio do recrutamento.

Os antigos impérios controlavam vastos territórios com muito poucas pessoas porque podiam cooptar os habitantes locais que então governavam em seu nome. Os romanos governaram a maior parte do mundo conhecido por quase um milênio porque os conquistados poderiam se tornar romanos, absorvendo a cultura e a língua e servindo ao império. Alguns imperadores, como Septímio Severo e Filipe, o Árabe, eram de Cartago ou da cidade de Shahba, na província romana da Arábia, agora na Síria. Os britânicos na Índia governaram dezenas de milhões com dezenas de milhares, incorporando funcionários, administradores e militares. Vários dos primeiros grão-vizires otomanos também foram originalmente recrutados como escravos nas províncias dos Bálcãs, como a Sérvia e a Croácia, e subiram na hierarquia tanto por meio da meritocracia quanto pela adesão a ordens religiosas sufis.

O império que a América construiu é governado por corporações globais e influência cultural por meio de tecnologia, educação, inovação e estilo de vida. Você sabe que desembarcou em uma de suas províncias a partir das placas nas ruas, da maneira como as pessoas se vestem e, até certo ponto, do que pode ser vagamente descrito como valores americanos. É um sistema ao qual qualquer pessoa pode participar e se tornar parte. Os imigrantes se tornam americanos de maneiras que nunca podem se tornar chineses ou russos.

Os Estados Unidos espalharam sua influência por meio da educação, imigração e sua crença em uma missão universal de defender e preservar os valores americanos de liberdade, democracia e direitos humanos. Esse universalismo está profundamente enraizado nas crenças puritanas e enfatiza a educação e a igualdade entre as pessoas como um modelo - a cidade sobre uma colina que deveria ser um modelo para todas as nações. Esses são os três pilares do soft power americano.

A América sempre foi um império relutante. Afinal, ele se revoltou contra o Império Britânico e é composto por uma população que deixou a Europa para criar uma sociedade livre e igualitária. Assim, o pêndulo oscila entre o intervencionismo e o isolacionismo, com um governo desmantelando o que o anterior alcançou.

Morei nos Estados Unidos por sete anos e mal comecei a entender a complexidade de sua sociedade. Mas, novamente, também sou libanês e, acredite, posso

reconhecer a polarização aguda e tóxica quando a vejo. Não tenho certeza se o fenômeno Trump está por trás da polarização do país, se é um sintoma disso ou se é uma espécie de reacção contra um sistema que se tornou tão rígido que metade do país se sente alienado por ele. O resultado é o que temos agora - um sentimento de que o país está implodindo sob a tensão da polarização extrema, que os futuros historiadores provavelmente descreverão muito melhor do que eu.

Os sintomas do mal-estar americano são óbvios: fenômenos complicados como o conflito entre o governo Trump e universidades como Harvard, juntamente com os protestos na Califórnia sobre as políticas de imigração. Os Estados Unidos também provaram ser um aliado não confiável quando cada governo reverte as políticas de seus antecessores.

Quando os estudantes estrangeiros são vistos como uma ameaça para os EUA, isso significa que o país está perdendo a confiança em si mesmo, em seus valores culturais e no poder de recrutamento. Uma experiência de viver e estudar nos EUA deve ser vista como uma produção de activos para a América e uma ameaça às próprias sociedades rígidas dos alunos se, digamos, eles vierem da China, Rússia ou Irão. Mesmo quando protestam contra os próprios EUA, esses estudantes estrangeiros estão aprendendo que os protestos são possíveis e percebem que não são possíveis em casa. Eles estão se tornando americanos.

Também é absurdo pensar que os protestos na Califórnia são dirigidos contra a aplicação das leis de imigração. É precisamente porque os EUA são um país governado pelo Estado de Direito que atraem imigrantes, especialmente aqueles que escapam do domínio dos cartéis de drogas e dos Estados falidos da América Latina. Se a fé no estado de direito não existe mais e os imigrantes não são mais bem-vindos, isso é muito mais perigoso para o que os Estados Unidos representam.

O Vale do Silício, que produziu muitos dos líderes da indústria de tecnologia, também fez parte dessa capacidade de recrutamento. Os mais brilhantes e criativos, sejam produtos da imigração síria, indiana ou sul-africana, tornaram-se parte do império americano, junto com inúmeros executivos de empresas e bancos americanos.

No Iraque ocupado, os EUA perderam suas alianças entre xiitas e sunitas porque provaram ser um aliado não confiável quando o presidente Barack Obama fixou uma data para a retirada como uma promessa de campanha eleitoral. Os xiitas iraquianos acabaram sendo recrutados pelo Irão, que ganhou mais controle no país. Os sunitas também se sentiram abandonados depois que as tribos sunitas trabalharam com o governo Bush para combater a Al-Qaeda no norte. O Afeganistão é outra história.

O poder americano é desafiado pela China e seus aliados do BRICS, mas os Estados Unidos têm a vantagem, desde que os alunos o escolham para a educação. Todo emigrante quer se tornar americano e seus aliados não se preocuparão com o facto de o próximo governo reverter as políticas e abandoná-las. Na guerra com o Irão, essas são batalhas que não podem ser perdidas e que afectarão o resultado tanto quanto, se não mais, as operações militares.

Nadim Shehadi é economista e conselheiro político. X: @Confusezeus.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**